

4^a Parte

Discursos

Saudando Regine Limaverde

Artur Eduardo Benevides

Tomei para mim, como presidente da Academia, a prazerosa tarefa de saudar-vos, no momento em que ingressais em nossa centenária Instituição, num justo prêmio ao vosso trabalho criador, como um dos mais expressivos nomes da poesia cearense contemporâneo.

Depositei em vós, no *continuum* do tempo, uma forte esperança. E procurei acompanhar os vossos passos pelo universo da literatura, desde o primeiro livro - *Rio em cheia*, em que já reveláveis as potencialidades de vosso talento, até o mais recente - *Caleidoscópio*, sem esquecer *Ressurgências*, *Estrelas de Vidro*, *Mar de Sargaços* e *Poemas Quaternários*, todos dentro da mesma linha temática de sensualidade e de paixão, que passa, também, por poemas de Olavo Bilac, Adalgisa Nery e Vinicius de Moraes, no Brasil, ou pelos sonetos da Florbela Espanca, em Portugal, sendo oportuno lembrar, na Inglaterra, Elisabeth Barret-Browning, com cujos versos atraiu para si, mesmo inválida, o fervoroso amor de Robert Browning.

E de amor vos ocupais em vossa obra, do amor envolto, nos séculos, pelo mito de Eros, que assumia, na cultura grega, a face onipotente de um deus, embora a psicanálise o veja tão somente como um símbolo, ou representação maior do desejo. Seja como for, é sentimento mais profundo e rejuvenecedor do ser, ao lado da esperança, que ilumina a expectativa das almas. Como diria Dante, *l'amor che moue il sole e laltre stella*. O amor que só o verso, "lágrima impoluta", na definição de Ribeiro Couto, pode exprimir, em síntese perfeita.

Vosso triunfo constituiu grande alegria para mim, pois me agrada - e quanto! - render homenagem àqueles que dão prosseguimento ao ideal imperecível de Orfeu, que teve o poder de

salvar da morte, pelo fascínio do Canto, a sua doce amada. E como necessitamos de poetas neste final de século, que pode vir a ser o terrível cenário apocalíptico do sonho de São João, pela crescente maldade dos seres humanos que estão a destruir, satanicamente, as florestas, os rios, os monumentos, os lares, os costumes, as tradições e o respeito à vida, enquanto sopram, sobre as cidades da Terra, os ventos da violência, do terrorismo e dos vícios fatais, na moderna multiplicação de Sodoma e Gomorra.

Não fosse os poetas, porém, quem sustentaria, no tempo, a cabeça e a sombra dos mortos; ou procuraria engrandecer romanticamente a vida; ou transfiguraria o surreal e o real; ou criaria sonhos e utopias; ou lembraria a dor dos exílios e diásporas; ou tentaria encontrar, pelo poder das metáforas, o Paraíso Perdido; e recolheria, na ambulância do verso, a lágrima dos homens? Quem, a não ser um poeta, louvaria o esplendor dos céus e das montanhas, ou o longo murmúrio das fontes, o silêncio ancestral dos casarões, o grito cinzento dos desertos, os pássaros a conduzir no bico as fímbrias dos arco-íris, as auroras lívidas, ou Jacó a servir sete anos de pastor, ou mais sete mil, se tanto for possível, e a lembrança do espírito de Deus andando sobre as águas?

Mas, para que poetas em tempos de indigência? Perguntou o genial Hoelderlin, em suas crises de loucura. E eu lhe diria: para que haja avisos à porta das catástrofes e dos abismos e sejam preservadas as palavras que colhemos no dorso do tempo e com as quais vestimos a tristeza de nossos coração, quando os clarins da destruição são ouvidos ao longe, ferindo a beleza triunfal das madrugadas. Meu Deus, que necessidade imperiosa de poesia! - escreveu esse cantor de extraordinária grandeza que foi Augusto Frederico Schmidt, o incomparável poeta bíblico do Brasil e uma das mais honrosas amizades que tive em minha vida.

Mas, essa necessidade não é de hoje. Dos rapsodos gregos aos postas dos nossos dias sempre houve uma inevitável fidelidade ao sonho, para que o mundo não sucumbisse sob os escombros das crescentes nostalgias que gerou. E a Literatura, sob os clarões externos da poesia, é aquela "fome de irrealidade" referi-

da por Mário Vargas-Llosa, ao tentar definir a obra dinamarquesa de Isaak Dinessem, para que a arte, quase sempre, é mágica. E os poetas, na visão de Mário Quintana, chegam de muito longe, de alma aberta e coração cantando, na recriação permanente do tempo e da vida. Mas, advertia-nos Thierry Moulmier, nas páginas de *Poésie et Incantation*: “qui parle de la poésie, parle de ca qu'il ignore, même et surtout s'il est poète; et pourtant, il faut bien parler d'elle, parce qu'elle est”.

E a verdade é que, ao iluminar-nos pelos caminhos de nossa solidão, ela nos leva ao lirismo amoroso, ao heroísmo, ao êxtase, às nobres paixões, à verdade interior dos seres e das cousas, ou aos clamores que às vezes se erguem das velhas cartas e dos retratos antigos, trazendo de lá as respostas guardadas pelos Anjos.

Por tudo isso e também por vosso indiscutível valor, nobre colega Regine Limaverde, estou feliz em vos receber em nome de uma Academia pioneira e modelar que, ao ultrapassar 100 anos de existência, conserva a juventude de seus primeiros sonhos e ideais.

Um dia, nos albores do talento que trazíeis, ousei revelar-vos alguns segredos e sutilezas de arte poética, que aprendera, nos verdes anos, com o vosso tio e meu inesquecível mestre Mário Sobreira de Andrade, nome que profiro com o mais comovido respeito. E expressivo é o fato de serdes uma cientista, doutora em Micro biologia, com cursos de pós-graduação no País e no exterior, mas haverdes escolhido o poema para externar a vossa voz, transmitindo as vossas súplicas e esperanças. E quem vos quiser entender em vossa alma inquieta e insubmissa, procure ler os versos heterométricos que fizestes, com a mais ampla liberdade formal. Lá está o vosso universo interior, com as virtudes e os defeitos inerentes à condição humana, de que tanto ocupou, em seu tempo, o espírito luminoso de Montaigne.

Estou feliz por haver contribuído, de alguma forma, para o vosso ingresso nesta ilustre Casa, Venerando a secular, que me elegeu unanimemente, há quarenta anos, como não deixei de

alegrar-me como a vinda de outros afilhados queridos, a quem, igualmente, estendi minha mão, às vezes manchada pelo pó das estrelas que escondo ao escrever meus versos, ou pela polpa radiosa dos sonhos que engrandeceram a minha vida. Por isso, também, na tarde outonal em que me encontro, saí, peregrino, em procura de amor, dizendo à Mulher Amada as palavras que Deus um dia em mim guardou. E, assim, cheio de esperança, não chegarei vazio à eternidade.

Sei que muitos olham os poetas com desdém, como se fôssemos seres em extinção, diante das tecnologias avançadas e da velocidade das cousas do mundo. Mas, que nos importa isso? Não escrevemos para a ninguém, mas para dar testemunho do *Sein* e do *Zeit* heideggerianos, dos ardis do destino, das coitas de amor, da lembrança de momentos que nos encheram de luz, ou da sedução quase indizível das viagens, a que se entregou, de coração o vosso ilustre antecessor, o saudoso acadêmico Osmundo Pontes, agora adormecido em Cristo. Cabe a vós porém, por imperativo regimental, o privilégio de fazer-lhe panegírico, exalçando-lhe as qualidades de cidadão prestante e de intelectual distinto, a quem tanto deve esta Casa.

Por manterdes viva a chama imemorial da poesia, estais aqui, nesta noite de glória, a receber os nossos uníssonos aplausos. E vos saúdo, *ex abundantia cordis*, no momento em que assumistes a condição de Acadêmica, ingressando, assim, definitivamente, na História da Literatura Cearense.

Sois muito bem-vinda, minha cara poetisa e amiga. Tomai lugar entre os vossos Pares, para que participeis conosco da comunhão literária, ou do grande banquete do espírito, pois, como lembra Drummond, "tudo, no coração, é ceia". E desse repasto interior nascem, interminavelmente, as Letras e as Artes.

Só vos pedimos que continueis a acreditar no imenso poder da verdade e a beleza, espalhando sobre o espírito do mundo, a que se referiram, em diferentes acepções, Schelling e Hegel, os frutos do espírito poético. E estamos certos de que trabalhareis indormidamente pelo engrandecimento do nome cearense, ten-

do inspiração excelso Patrono de vossa Cadeira - José de Alencar, pedra angular do romance brasileiro.

A vós, portanto, as nossas saudações mais cordiais, no momento em que a Academia vos acolhe de braços abertos, aplaudindo o vosso triunfo e o prêmio de poder contar, de agora em diante, com a vossa inteligência tão criativa e renovadora, que nos ajudará, por certo, em nosso destino de *Alma Mater* das Letras Cearenses.

Parabéns, contudo, à própria Academia pela alegria de vos ter, como uma força jovem a serviço da cultura, numa Casa em que todos têm oportunidades iguais, pois aqui não alimentamos preconceitos de escolas e lutas de gerações. Só exigimos duas cousas: talento e dignidade no ato de criar. E isso vós possuis, sob a luz que vos ilumina permanentemente: a poesia.

Bem-vinda, pois!